

Crítica de cinema – “Cannes 2019”

Dor, glória e claustrofobia



Diz o velho ditado que “prognósticos só no fim do jogo”. Eu sei que é uma citação de um jogador da bola mas o uso e o tempo já fizeram dela um provérbio. Aliás poucos saberão ou se lembram que foi João Pinto a dizê-lo, mas talvez não recordem que o atleta do FC Porto também foi autor de outras pérolas como “o meu coração só tem uma cor: azul e branco”.

Mas a citação “prognósticos só no fim do jogo” não é utilizada aqui no domínio desportivo mas a propósito do festival de Cannes. Este ano, a Palma de Ouro foi entregue por antecipação ao espanhol Pedro Almodóvar.

À hora em que escrevo estas linhas não se conhece ainda o palmarés mas os críticos e os especialistas do festival dizem que desta é de vez, e que o realizador “habitué” de Cannes vai levar consigo a Palma de Ouro para casa.

A obra de Almodóvar é vasta e reconhecida várias vezes no festival francês, mas o prémio máximo tem-lhe escapado, até agora?

A autobiografia, intitulada “Dor e Glória”, poderá ser uma espécie de resumo de uma carreira, mas é também um trabalho maduro e de qualidade, uma característica que nem sempre esteve presente nos mais recentes filmes do espanhol.

Mas ainda antes de Almodóvar ter encantado a Croisette, perdi-me pelos meandros das seleções paralelas para descobrir obras interessantes e arrojadas. Destaque na Quinzena dos Realizadores para o filme do russo-americano Kirill Mikhanovsky chamado “Give Me Liberty”. Uma verdadeira montanha-russa filmada como de um documentário de traste e que deixa o público sem

Banderas no papel de Almodóvar à procura de uma palma de ouro

fôlego. Mas a mais violenta descoberta foi uma obra protagonizada por Robert Pattinson e Willem Dafoe. “The Lighthouse” de Robert Eggers isola-nos numa ilha onde dois homens são obrigados a suportarem-se mutuamente e a manter em funcionamento um farol combatendo os elementos e a loucura provocada pela solidão. Depois da projeção acabei a beber copos (com moderação com os protagonistas, o que me permitiu descobrir que Pattinson também fica com olheiras quando não dorme e que Dafoe é uma das pessoas mais adoráveis que encontrei neste meio mas é também um formidável homem de negócios).

Os portugueses em Cannes foram discretos este ano. Salvam-se as cores nacionais graças à presença de uma portuguesa de França. Cristèle Alves Meira apresenta na Sema-na da Crítica “Invisível Herói”, uma curta metragem sobre Duarte, de 50 anos, que tem uma deficiência visual. Duarte anda à procura de Leandro, um imigrante cabo-verdiano desapaixado. Depois de “Campo de Vitoras”, a portuguesa, que está a preparar a sua primeira longa metragem, assina uma história de perseverança e disponibilidade, entre os factos e a ficção.

O único momento português na competição oficial chega à Croisette pela mão do americano Ira Sachs que rodou “Frankie” em Sintra, com coprodução portuguesa (O Som e a Fúria) e equipas técnicas lusas. O cineasta norte-americano é conhecido pelos filmes “Little Men” (2017), “Love is

Strange” (2016) e “Married Life” (2009).

Isabelle Huppert considerou que o seu papel em “Frankie”, um drama familiar, é “muito, muito diferente do que qualquer coisa que tenha feito antes”. A atriz está muito contente com o resultado: “posso dizer que é muito sensível”, e acrescentou que “nada realmente trágico acontece no filme, mas a situação em si é trágica, apesar de termos filmado num ambiente muito bonito.”

Portugal tem ainda a “sorte” de ter Paulo Portugal como presidente do júri da crítica internacional. Este crítico escreve para o Correio da Manhã, para além do blogue Insider.

O Luxemburgo tem nesta 72ª edição do festival o seu ano de glória com quatro filmes em distintas competições que são, na realidade, coproduções com outros países. Esta forte presença levou o primeiro-ministro Xavier Bettel até à Croisette na sexta-feira para apoiar os luxemburgueses marcando a importância que o governo atribui à indústria cinematográfica. Os filmes são “Chambre 212”, de Christophe Honoré, coproduzido pela Bibul Productions; “Les hirondelles de Kaboul”, obra de animação de Zabou Breitman e Eléa Gobbé-Mévellec, coprodução da Melusine Productions; “Viendra le feu”, de Olivier Laxe, coproduzida pela Tarrantula, e “The Orphanage”, realizado por Shahrbanoo Samedat, coproduzido pela Samsa.

Entretanto, e porque até ao lavar dos cestos é vindima, vamos ver mais alguns filmes pois o festival só termina no sábado, dia 25.



por
Raúl Reis

GUIA

Dia 23, às 11h, na capital

Visitas com carrinho de bebé
Uma visita ao Casino Luxembourg reservada a pais cujos filhos ainda precisam de carrinho de bebé. Esta iniciativa acontece uma vez por mês e permite que os responsáveis por crianças de colo possam usufruir das exposições patentes sem incómodos ou serem incomodativos para os outros visitantes.

Dia 23, às 20h, em Esch-sur-Alzette

Flamengo com Jairo Barrul
Filho do lendário bailarino Ramón Barrull e sobrinho do guitarrista Diego del Gastor, Jairo Barrull tem o flamengo nas veias. Chega ao Luxemburgo com “Gitano”, a sua 8ª produção. Os bilhetes podem ser comprados na página da Kulturfabrik. De recordar que o Festival Flamenco termina no próximo sábado.

Dia 26, às 14h30, em Esch-sur-Alzette

Visita cultural de bicicleta
Uma forma diferente de passear pela antiga fábrica da Arcear Mittal e ruas adjacentes de Belval. O circuito é indicado para todos. Para mais informações ligar para o número +352268401.

Dia 26, às 11h, na capital
Encontro literário e musical com Sanaz Davoodzadeh Far

Um encontro onde a poesia e a música persa vão estar em evidência com a recém-chegada Sanaz Davoodzadeh Faz. A artista iraniana vai interpretar música tradicional persa e poemas da sua autoria. Com tradução simultânea, a entrada é livre e o encontro acontece no Centre Català de Luxembourg, na rue de la Semois.

Até 8 de junho, na capital
Exposição de Jorge Molder
“Malgré lui”, de Jorge Molder, é uma exposição de fotografia que fala do sentido e fugacidade do tempo e da vida, que mais não é que uma viagem que deve ser desfrutada antes que esvazie. Formado em Filosofia, Jorge Molder tem-se destacado com a sua carreira artística. Representou Portugal nas bienais de São Paulo (1994) e Veneza (1999), foi diretor do Centro de Arte Moderna



“Malgré lui” está em exposição até dia 8 de junho no Centro Cultural Português, em Merl
Foto: Jorge Molder

da Fundação Calouste Gulbenkian, vencedor do prémio da Associação Internacional de Críticos de Arte e a sua obra tem sido exibida em exposições por todo o mundo. No âmbito do Mês Europeu da Fotografia 2019, a exposição está patente no Centro Cultural Português, em Merl, e a entrada é livre.

Até 16 de junho, na capital

Piano na rua

Arranca na próxima segunda-feira mais uma edição de “My urban piano”, a iniciativa musical em que estão disponíveis 23 pianos de livre acesso nas ruas da capital. Uma oportunidade de dar largas ao talento e criatividade.